

A compreensão psicológica jasperiana revisitada sob a perspectiva da psicopatologia fenomenológica

The Jasperian psychological understanding revisited from the perspective of the Phenomenological Psychopathology

Livia Emy Fukuda¹

Melissa Garcia Tamelini²

Resumo

A "Psicopatologia Geral" (PG) de Karl Jaspers é uma das mais célebres contribuições ao campo da psicopatologia. A obra situa-se em um período de transição de paradigmas, alocada entre a visão das patologias mentais, enquanto enfermidades médicas e enquanto modificação estrutural da consciência. Por ocasião de seu lançamento, em 1913, apresentou ideias que eram, então, consideradas caducas, além de apontamentos inovadores. Este artigo pretendeu revisitar o conceito de compreensão psicológica (ou empática) (*Verstehen*) em Jaspers (PG), as suas leis fundamentais, bem como as suas limitações, através da ótica fenomenológica. Para tanto, partiu de uma concisa apresentação do legado da PG e de algumas diferenças epistemológicas significativas entre a psicopatologia jasperiana e a psicopatologia fenomenológica. Por fim, dada a distinção entre as duas vertentes psicopatológicas, o construto de compreensão apresentado por Karl Jaspers foi colocado em discussão, sob a perspectiva fenomenológica.

Palavras-chave: Compreensão, *Verstehen*, "Psicopatologia Geral", Karl Jaspers, Psicopatologia fenomenológica

Abstract

Karl Jaspers' "General Psychopathology" (GP) is one of the most influential contributions to the field of psychopathology. The work is situated in a period of paradigm transition, in the space between the vision of mental pathologies as medical illnesses and as structural modifications of the conscience. At the time of its launch (1913), It presented ideas that were then considered outdated alongside innovative notes. This article intends to revisit the concept of psychological (or empathic) understanding (*Verstehen*) in Jaspers (GP), its fundamental laws, as well as its limitations, from the phenomenological point of view. To accomplish that, the article is

based on a concise presentation of the legacy of GP and some significant epistemological differences between Jasperian and Phenomenological Psychopathologies. Finally, given the distinction between the two psychopathological currents, the construct of understanding presented by Karl Jaspers is discussed from a phenomenological perspective.

Keywords: Understanding, *Verstehen*, "General Psychopathology", Karl Jaspers, Phenomenological Psychopathology

¹ Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE). E-mail: liviafukuda@gmail.com

² Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE). E-mail: melissa.tamelini@hc.fm.usp.br

Recebido em: 12/9/2016

Aceito em: 31/10/2016

Introdução

Karl Jaspers (1883-1969) foi um dos grandes pensadores do século XX e um dos responsáveis pela fundação da psicopatologia, enquanto ciência estrita, e da psiquiatria, enquanto prática profissional. Em seu vasto legado intelectual, formado sobretudo por pesquisas filosóficas, destacam-se contribuições ao campo da psicopatologia, psiquiatria e psicologia, dentre as quais a mais expressiva é a obra "Psicopatologia Geral" (PG), lançada em 1913.

A centenária "Psicopatologia Geral" de Jaspers permanece universal e digna de nota, em múltiplos aspectos. Dentre eles, serão tangenciados, neste artigo, apenas alguns pontos, que remetem mais diretamente à finalidade de estudo aqui proposta. De forma genérica, a PG destaca a impossibilidade do conhecimento do homem em sua totalidade absoluta. Em decorrência desse entendimento, Jaspers se propôs a realizar, na ocasião, um grande e inovador esforço de ordenação metodológica da disciplina. No trabalho em questão, ele explorou e categorizou rigorosamente as alterações psíquicas, partindo de fenômenos isolados (fenomenologia e psicologia objetiva), passando pelas conexões (causais e compreensíveis) e buscando, por fim, as totalidades-parciais (nosologia, eidologia, caracterologia, psicologia biográfica). Para manter o diálogo das partes com o todo e do todo com as partes, Jaspers valeu-se do círculo hermenêutico. O êxito de seu feito mantém-se de inestimável valor heurístico para a investigação clínica e teórica das patologias mentais, ainda hoje. Conforme afirma Blankenburg (1984, citado por Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013, p. 57), “ninguém antes [de Jaspers] soube estabelecer a relação entre as particularidades de uma metodologia e o campo de realidade que se abre através de ele” (p. 448).

Além do destaque à consciência metodológica, Jaspers foi pioneiro ao evidenciar a necessidade de um método específico para o acesso à dimensão subjetiva do homem psiquicamente enfermo, em contraposição ao método explicativo reducionista (*Brain Mythologies* – Jaspers, 1997, p. 18). Em contraste com os positivistas e inspirado por Dilthey, Simmel e Weber, Jaspers acreditava que as ciências humanas e culturais (ciências do espírito - *Geisteswissenschaften*) eram diferentes das ciências empírico-analíticas (ciências naturais - *Naturwissenschaften*), tanto em relação à natureza do objeto de estudo, quanto à sua metodologia - compreensão e explicação, respectivamente. Reconhecia, assim, a necessidade de se estudar o homem como sujeito, para além da perspectiva singular de seu estudo enquanto ente biológico. Dentro

desta exigência, Jaspers ocupou-se do conceito de compreensão, que será explorado no presente artigo, especificamente na sua vertente psicológica, ou empática. Esta formulação da PG será aqui discutida sob a ótica da psicopatologia fenomenológica, visando demonstrar que o método fenomenológico pode ampliar o conceito jasperiano e, conseqüentemente, auxiliar a superar impasses práticos/clínicos a ele relacionados.

Psicopatologia jasperiana e psicopatologia fenomenológica

O emprego do termo fenomenologia na PG jasperiana não garante a sua inserção imediata e não problemática no panteão de obras da tradição fenomenológica da psicopatologia. Para Jaspers (1997), fenomenologia (compreensão estática) restringe-se a um descritivismo de fatos particulares e isolados do fluxo temporal, que visa estabelecer termos e conceitos, no intuito de cristalizar as experiências subjetivas do paciente. As análises da PG, mais próximas de uma objetivação da dimensão subjetiva, (Messas, 2014), não avançam rumo à intuição de essências, que marcou, nas décadas seguintes, a metodologia da "verdadeira" psicopatologia fenomenológica, até porque, Jaspers acreditava que a fenomenologia eidética e o desenvolvimento transcendental seriam matérias da filosofia e da metafísica, não da ciência. Ainda assim, há autores que identificam na ordenação jasperiana uma busca pela característica invariante próxima à idéia de essência husserliana, ou seja, identificam, na PG, certo eidetismo latente (Blankenburg, 2013; Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013). Outros autores apontam que tais ambiguidades na PG podem ser vistas como próprias de um período de transição de paradigma, daquele das enfermidades mentais (patologia mental inserida no campo da medicina) ao das grandes estruturas (retorno à unidade) (Lanteri-Laura, 2000; Charbonneau, 2010). Tatossian (2006), por sua vez, é mais categórico: “apesar do mal-entendido corrente, a psicopatologia de Jaspers e de seus sucessores se situa fora da psicopatologia fenomenológica – mesmo se contém dela o começo: ela é menos o início de uma nova psiquiatria do que a falência da psiquiatria clássica” (p. 209-210).

Fato é que há diferenças substanciais entre a psicopatologia jasperiana (PJ) e a psicopatologia fenomenológica (PF), que podem ser bem exemplificadas pela estratificação da fenomenologia proposta por Husserl:

1. O primeiro estrato corresponde a um método descritivo e considera o fenômeno sem pressupostos ou teorias (“*retorno às coisas mesmas*”). Esta acepção, da qual Jaspers se vale na PG, desconsidera as condições subjacentes à apresentação do

fenômeno e busca a aproximação, o mais precisa possível, da vivência do paciente, por meio da empatia. Neste nível, o método fenomenológico carrega as bases tanto da ciência eidética, como da ciência de fatos (Blankenburg, 1980) e Jaspers restringe a sua atenção aos “fatos” da vida psíquica, excluindo a plenitude do todo subjetivo/objetivo, presente antes da ocorrência de qualquer separação;

2. O segundo estrato corresponde à fenomenologia eidética e, a partir dele, se obtém as bases metodológicas da PF. Neste nível, parte-se da experiência empírica para buscar as condições de possibilidade do fenômeno, ou seja, a captação das estruturas e dos modos de organização intencional da consciência (Fuchs, 2002). Aqui, há a transição dos fatos individuais particulares para a apreensão de essências puras (Binswanger, 2006). A experiência não pode mais se constituir de dados isolados e a organização deles se daria fora de seu plano próprio, no nível pré-predicativo (Tatossian, 2006). A apreensão da ligação pré-intencional eu-mundo é sintetizada por diferentes termos, na tradição da psicopatologia fenomenológica, tais como estrutura (Minkowski, 1973); *Dasein* (Binswanger, 1977); *Lebenswelt* (Husserl, 2012) e situação (Tellenbach, 1976). Assim, já neste estrato, as dicotomias se tornam caducas, como bem ilustra a noção de estrutura vivida como arcabouço têmporo-espacial, indispensável à existência elementar de qualquer consciência (Messas, 2006; 2010a);

3. O terceiro nível é o da fenomenologia constitutiva. Opera via redução transcendental ou *epoché*, em uma transição da atitude natural (ingênua) para a atitude fenomenológica (reflexiva). Charbonneau (2010) aponta que a atuação da psicopatologia fenomenológica, neste estrato, promove a análise do modo como nos implicamos no mundo e de que maneira ele se doa a nós, independentemente de seus conteúdos.

No Quadro 1, estão resumidas estas e outras diferenças fundamentais entre a PJ e a PF:

Quadro 1. Breve análise comparativa entre a psicopatologia jasperiana e a psicopatologia fenomenológica

| | Psicopatologia Jasperiana | Psicopatologia Fenomenológica |
|--|---|--|
| Contexto | <i>Naturwissenschaft</i> vs. <i>Geisteswissenschaften</i> | Ôntico vs. Ontológico Existência Ser-no-mundo |
| Referências filosóficas | Kant, Husserl (inicial), Libbs, Dilthey, Simmel, Weber | Bergson, Heidegger, Husserl (tardio), Merleau-Ponty |
| Fenomenologia | Descritiva | Eidética/Genética/Transcendental |
| <div> <div> Fenômenos particulares isolados ↓ Conexões ↓ Totalidades-parciais ↓ Totalidade-absoluta (filosofia) </div> <div> Totalidade ↓ Ontologias regionais ↓ Essências </div> </div> | | |
| | sintoma → fenômeno | fenômeno |
| Empatia | Representação intuitiva | Vivência direta e imediata Pré-predicativa/Intuição Categorical |
| Intersubjetividade | Apresenta a importância do encontro | O encontro é o método |
| Relação Eu-Mundo | Mostra a relação, mas ainda são instâncias dissociadas (isoladas e opostas) | Imbricados Experiência pré-objetiva e pré-teórica |
| | Ação → Reação Situação jasperiana | Situação tellenbachiana |

Compreensão (*Verstehen*)

O termo compreensão (*Verstehen*) recebeu diversos tratamentos ao longo da história. Pode significar uma experiência, um método, um modo de explicar a ação humana, um tipo de conhecimento (Bourgeois, 1976). Inicialmente, a compreensão foi associada a um processo epistemológico e cognitivo, a uma apreensão intelectual que torna algo inteligível (*intelligere*). A compreensão, como método de toda ciência social

e humana, foi apresentada por Dilthey e seguida por Jaspers. Outros autores ampliaram, subsequentemente, a análise da compreensão. Para Heidegger (2012), a compreensão estaria relacionada a um *know-how* prático, a uma habilidade possível da existência. Já Gadamer (2012), destaca o caráter reflexivo da compreensão, a sua relação com um consenso e a sua vinculação à ideia de situação (Grondin, 2002).

Jaspers utiliza a *Verstehen* referindo-se, na maior parte das vezes, ao entendimento do significado de uma ação através do ponto de vista do autor desta, pela via empática. Em toda PG, é possível encontrar o termo compreensão, ainda que o próprio Jaspers (1997) afirmava empregá-lo com diversos sentidos, dependentes do contexto. Na obra em questão, diversos são os predicados da compreensão: compreensão estática, compreensão fenomenológica, compreensão da expressão, compreensão genética, compreensão racional, compreensão empática ou psicológica, compreensão intelectual, existencial ou metafísica. Existem zonas de penumbra e de intersecção entre estas diferentes acepções, que dificultam a delimitação clara entre elas e, paradoxalmente, a tentativa de delimitação e ordenação provoca o afastamento da realidade total que se deseja alcançar.

A compreensão psicológica ou empática (*emfühlendes Verstehen*) na “Psicopatologia Geral” de Jaspers

A compreensão psicológica compõe, na PG, em conjunto com a compreensão racional, a compreensão genética. Esta, diferentemente da compreensão estática (fenomenologia descritiva), inclui a noção de sucessão temporal no estabelecimento de conexões entre os fenômenos da vida mental. Sob influência de Dilthey, Jaspers apresenta a compreensão genética em contraposição ao método explicativo (Figura 1). Dentre as divergências entre os métodos, destaca-se a questão de limites: se o conhecimento causal não encontra barreiras, a compreensão, por sua vez, esbarra em limites por todas as partes. Além disso, aquilo que se encontra fora do alcance da compreensão pode ser objeto de investigação causal ou de esclarecimentos filosóficos sobre a existência.

Quando o conteúdo dos pensamentos emerge um a partir do outro de acordo com as regras da lógica, nós compreendemos as conexões racionalmente. Mas, se nós compreendemos o conteúdo dos pensamentos tal como eles derivaram dos sentimentos, desejos e medos da pessoa que os teve, nós compreendemos as

conexões psicológica ou empaticamente. Somente o último meio de compreensão pode ser chamado de “compreensão psicológica” (Jaspers, 1997 p. 304).

A compreensão racional, por meio da lógica, permite captar os motivos pelos quais alguém atua de uma ou outra maneira, porém, é a compreensão psicológica que corresponde à apreensão da forma como o psíquico emerge do próprio psíquico. Esta última se dá via empatia e Jaspers destaca a função determinante do método empático como ato de representação intuitiva de determinada vivência da consciência do paciente. Representar seria uma solução, uma vez que *“nunca poderemos perceber diretamente a vida psíquica da outra pessoa da mesma maneira como podemos perceber um fenômeno físico”* (Jaspers, 1997, p. 55).

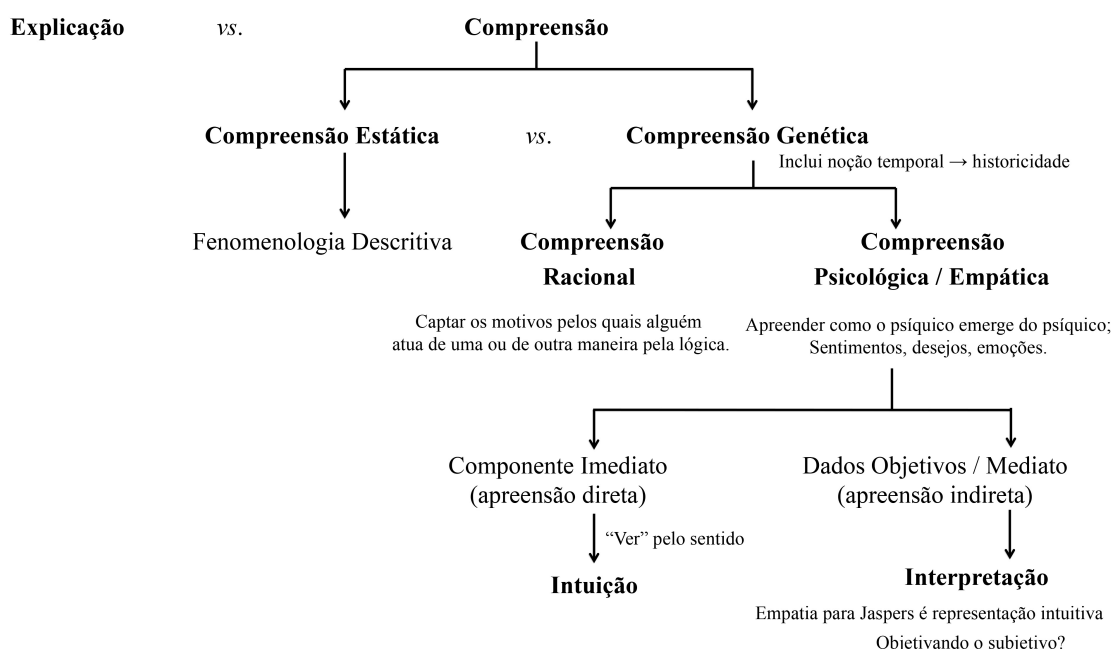


Figura 1. Situando a compreensão psicológica (ou empática) jasperiana

Jaspers destaca, dentro das ciências naturais, o caráter autoevidente e imediato da experiência de compreensão, vivenciada com convicção análoga àquela da percepção ("este ver não é feito através dos sentidos, mas através da compreensão" - Jaspers, 1968, p. 1316). Por meio da compreensão, revelariam-se conexões típico-ideais, através das quais se poderia reduzir a multiplicidade e a complexidade infinita a uma abstração, que tem por finalidade a ordenação (Schwartz & Wiggins, 1987). Neste processo da psicologia compreensiva jasperiana, verifica-se a primazia do conteúdo, em detrimento

do aspecto formal. Jaspers (1997) reconhece a complexidade de apresentar todas as conexões compreensíveis possíveis entre fenômenos psíquicos e contenta-se em mostrar algumas possibilidades: a) Conexões compreensíveis do conteúdo; b) Formas básicas da compreensibilidade; c) Autorreflexão.

Introduzidos, sucintamente, os aspectos gerais da compreensão jasperiana, é possível especificar as leis básicas que regem tal concepção. A delimitação desses princípios fundamentais da compreensão psicológica não a exime de ser um construto de "*fluidez cientificamente incômoda*" (Tatossian, 2006, p. 217). A análise fenomenológica de cada uma dessas leis gerais da compreensão jasperiana poderá esclarecer melhor tal incômodo.

As leis fundamentais da compreensão psicológica jasperiana sob a perspectiva fenomenológica: revogar ou reelaborar

1. A compreensão empírica é uma interpretação

Para Jaspers (1997), o que se compreende alcança realidade empírica somente se é manifesto em fatos perceptíveis significativos e objetivos (expressões, ações, atos, produções, obras). A vivência interna sem a manifestação externa não é fato que pode ser demonstrado empiricamente. Decorre disso, então, que toda compreensão empírica é uma interpretação. A ideia de que experiências subjetivas (estados mentais) estão escondidas do outro por um abismo ontológico é derivada da herança dualista (Fuchs, 2012), presente na obra de Jaspers desde seu artigo seminal (original 1912; tradução 1968), no qual propõe a dicotomia entre sintomas objetivos e subjetivos.

Jaspers destacou que a apreensão do homem em sua totalidade absoluta não era possível e, assim, o conhecimento a seu respeito só poderia se dar de forma indireta, por meio da interpretação de fatos objetivos, ou através do método empático. Empatia era, para Jaspers, representação intuitiva e, ao termo intuição, corresponderia uma espécie de aproximação "gráfica" do fenômeno (Wiggins, Schwartz & Spitzer, 1992).

Segundo Langenbach (1995), Husserl desenvolveu o método fenomenológico em primeira pessoa, com o intuito final de clarificar problemas fundamentais da lógica e da teoria do conhecimento. Jaspers, por sua vez, atuou em perspectiva de terceira pessoa, ao fundamentar a compreensão na inferência de fatos objetivos, ainda que, ao tomar as vivências pela representação empática, tenha atuado em primeira pessoa

(Fuchs, 2012; Stanghellini, 2010). A superação da dicotomia sujeito/objeto e das perspectivas em primeira pessoa/terceira pessoa é feita pela introdução da noção de intersubjetividade, ou seja, pela perspectiva em segunda pessoa. Nesta perspectiva, a construção da compreensão é feita de forma dialógica, aos moldes do que Gadamer (2012) denominou fusão de horizontes, dentro do encontro direto *vis-à-vis* e do diálogo hermenêutico.

Na psicopatologia fenomenológica, portanto, a fonte do conhecimento é aquilo imediatamente evidente, o fenômeno que emerge na experiência do encontro, e não fatos e objetos. Assim, nesta vertente psicopatológica, observa-se a importância da experiência para além do empirismo, como uma espécie de intuição originariamente doadora ou de evidência apodítica. É essa fundamental transformação do conceito de experiência e da *práxis* do experimentar que é necessária para a fundação metodológica das análises em psicopatologia fenomenológica, segundo Blankenburg (1980). Para ele, o encontro intersubjetivo deve trazer à luz o que, à primeira vista, estava escondido, embora estivesse presente implicitamente no fenômeno todo como *logos/eidos*. Isso que estava “escondido” não corresponde a uma infraestrutura, a um mecanismo ou determinante causal; pelo contrário, corresponde a algo tão obviamente presente no fenômeno, que o observador não é capaz de imediatamente reconhecer. A compreensão, dentro da tradição da psicopatologia fenomenológica, e rebatendo a crítica de Jaspers à fenomenologia eidética, se dá nesse contexto:

Não é um ver com os olhos e, contudo, trata-se de um conhecimento imediato; um olhar e contemplar que não fica atrás em respeito ao sensível, no que se refere a forma persuasiva; inclusive talvez o supera em certeza imediata, e cuja visão é capaz de transmitir a qualquer um que tenha certo órgão, que tenha a faculdade intelectual de vê-lo (Binswanger, 2006, p. 285).

Há, então, uma compreensão mais primordial, que se dá no espaço intersubjetivo e é pré-hermenêutica (Cabestan, 2013). Deixa-se de compreender o indivíduo segundo uma “normatividade” assentida pelo senso comum e passa-se a situá-lo no plano ontológico-existencial. O que se busca compreender é o modo e a evolução estruturais *a priori* do *Dasein*, ou do ser-no-mundo (Binswanger, 2012, p. 329), ou, ainda, o estilo de coparticipação na vida, sem qualquer mediação por conceitos (Gadamer, 2012). Deste modo, a compreensão e a interpretação não aparecem somente nas manifestações vitais fixadas e objetivas - como afirma Dilthey e segue Jaspers -, mas na relação geral dos

seres humanos entre si e com o mundo (Gadamer, 2012). As significações e as interpretações nascem a jusante do movimento de engajamento no mundo e na experiência (Charbonneau, 2010), conformadas pela estrutura. Esta é primária e anterior aos conteúdos mentais (Messas, 2010a).

2. A compreensão realiza-se no círculo hermenêutico

A compreensão isolada de um fenômeno particular é inespecífica, uma vez que a natureza inteira de um indivíduo pervade mesmo os mais longínquos pontos isolados de seu ser, dando a ele o contexto objetivo e a complexidade da motivação psíquica (Jaspers, 1997). O que é compreensível em instância particular, não é fato isolado, mas parte de um todo interconectado. O movimento compreensivo parte dos fatos particulares para o todo que os inclui e, a volta do todo assim alcançada, para os fatos significantes particulares, em uma espiral circular que se expande incessantemente

Nas palavras de Jaspers (1997):

O todo vem antes de suas partes; o todo não é a soma de suas partes, é mais que elas; é uma fonte independente e original; é forma; o todo não pode, portanto, ser apreendido através de elementos isolados. O todo pode persistir na totalidade até mesmo quando suas partes são perdidas ou mudadas. É impossível derivar o todo de suas partes (filosofia mecanicista) nem podem as partes derivarem do todo (hegelianismo). Nós temos antes que conceber uma polaridade. O todo deve ser visto através de suas partes e as partes, através de aspectos do todo; não pode haver síntese compreensiva do todo pelas suas partes, nem nenhuma dedução das partes a partir do todo; há apenas algo que abrange. O infinito todo abrange uma interação mútua de partes e todos (p. 29).

Nesta passagem, Jaspers parece anunciar, de certo modo, a noção de estrutura, uma entidade autônoma de dependências internas, uma organização de elementos irreduzíveis à soma de suas partes. O diálogo contínuo das partes com o todo no círculo hermenêutico foi a solução que Jaspers encontrou para se aproximar da noção de totalidade (Messas, 2014), em uma migração, ainda que incipiente, da atitude analítico-reducionista para a dialético-sintética (Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013).

O círculo hermenêutico é uma das mais fundamentais e contenciosas doutrinas da teoria hermenêutica (Grondin, 2002; 2016). Na compreensão descritiva do círculo – inicialmente como exigência básica de coerência – a ênfase repousa na relação do todo

com as partes, como nós as encontramos como objeto de compreensão. Em seguida, com o questionamento sobre a possibilidade de compreensão errônea do todo e, assim, das suas partes atribuídas ao intérprete, surgiu uma nova compreensão do círculo hermenêutico, menos como descrição, mais como um problema epistemológico a ser superado. Intencionar um círculo lógico equivaleria a um *petitio principii*: se a interpretação só serve para defender um ponto de vista preestabelecido do intérprete, ela se torna uma empreitada circular e fútil, um círculo vicioso. Visando superar esse problema, Heidegger introduziu a idéia de círculo de interpretação, em que compreensão e interpretação se referem uma a outra, constitutivamente. A questão seria, então, como entrar da maneira correta no círculo hermenêutico, buscando elucidar as antecipações da compreensão e assegurando que a elas corresponderem às coisas mesmas. A pré-compreensão estaria enraizada na relação do intérprete com as coisas e com a questão que é expressa, direta ou indiretamente, e que guia a compreensão. Desta forma, Heidegger (2012) promoveu uma mudança, afirmando o círculo hermenêutico como expressão da pré-estrutura existencial do próprio *Dasein*, como expressão da estrutura fundamental dos seres humanos (Grondin, 2002; 2016). Como seres finitos e históricos, nós compreendemos porque somos guiados por antecipações, expectativas e questões. Assim posto, compreensão torna-se a forma original de realização do *Dasein*, não um simples método ou teoria.

3. Os opostos são igualmente compreensíveis

Jaspers (1997) afirmou que a vida psíquica e seus conteúdos são polarizados em opostos e, através destes, tudo pode ser reconectado. As ambiguidades devem ser sempre procuradas no processo de compreensão e um significado oposto não deve ser excluído sem antes tentar ser compreendido. Assim exemplifica:

(...) talvez se compreenda que um indivíduo fraco e miserável deva contemplar com despeito, ódio, inveja, desejo de vingança aqueles que são fortes, felizes, melhores dotados, porque a pobreza psíquica se alia ao amargor. Mas também se compreende, ao revés, que o fraco e miserável, resignando-se, honestamente, com o que é, com a sua realidade, ame aquilo que ele próprio não é; que estimulado pelo amor produza dentro do âmbito de suas possibilidades, aquilo que lhe é possível conformar e, educado pela necessidade e pelo sofrimento, purifique a própria alma (p. 357).

Pode-se considerar Jaspers um dos pioneiros na aplicação do pensamento dialético, no campo da psiquiatria. A dialética, para ele, era exatamente a forma na qual um aspecto básico das conexões compreensíveis torna-se acessível para nós, em termos de conteúdo. Já dentro da psicopatologia fenomenológica, a dialética se torna ferramenta crucial, sobretudo no conceito de proporções antropológicas. Binswanger (1977) recuperou da medicina hipocrática esta noção e propôs um desequilíbrio na dialética antropológica, entre altura e amplitude, como fundamento da extravagância (primeiro ensaio dentro das "Três formas da existência malograda"). Blankenburg (1982) aprofundou a ideia de proporções dialéticas, associando a elas a noção de polaridades (verticalidade/horizontalidade; adaptação/independência; mover-se ancorado/estar aberto ao mundo; compulsão instintiva/liberdade individual; imediato/mediato; evidência/não evidência) e estabeleceu, definitivamente, este conceito como ferramenta metodológica, no campo da psicopatologia (Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013; Blankenburg, 1982; 2013). "A proporção dialética é chave para a tradição fenomenológica: a psicopatologia passa a ser vista não a partir de "destruições ou negatividades do ser humano", mas a partir das "rupturas do equilíbrio dialético entre as potencialidades que lhe são imanentes e que se autonomizam" (Tamellini; 2012, p. 19). Mais recentemente, novos esforços ampliaram a proposta dialética, colocando-a como elemento chave na concepção de movimento da consciência e de uma proposta de psicopatologia da transformação/estabilidade (Messas, 2004).

4. O compreensível é inconclusivo

Segundo Jaspers, o que é compreensível é, em si mesmo, inconclusivo, incompleto e interminável, porque se choca com limites do incompreensível - o dado, o existir e a liberdade da existência. Este ponto de partida incompreensível (mecanismos extraconscientes, disposições e liberdade existencial) da compreensão é móvel, uma vez que esta última se amplia e se transforma continuamente. Assim, constata Jaspers, a compreensão é interminável, apesar de serem possíveis algumas predições nela baseadas, na realidade clínica.

Com a evolução da psicopatologia fenomenológica, há uma inserção cada vez mais profunda no campo anterior ao das dicotomias sujeito-objeto, eu-mundo, eu-outro, compreensão-explicação. A unidade é possível, justamente na experiência pré-objetiva

(Tatossian, 2012) e, deste modo, nota-se uma expansão do conceito de experiência e uma consequente reelaboração do que se denominará compreensível e incompreensível, no campo das patologias mentais.

A experiência fenomenológica é, portanto, uma experiência dupla, ao mesmo tempo empírica (no sentido comum) e apriorica, já que a transcendência constituinte do dado é seu a priori, seu eidos ou, mais precisamente, visa à apreensão global e unificadora daquilo que até nela seria assumido isoladamente pela filosofia e pelas ciências particulares (Tatossian, 2006, p.36).

Trabalhos como os de Tellenbach (1976) e Messas (2010a; 2010b) exemplificam a aproximação epistemológica ao aspecto extraconsciente das disposições, constituições e dos dados, pela natureza e endogeneidade. Por outro lado, a psicopatologia fenomenológica, de forma distinta a Jaspers, não delega à filosofia a abordagem das questões existenciais, uma vez que considera o homem psiquicamente enfermo como ser dinâmico, heterogêneo, imprevisível, histórico, mutável. Assim, a compreensão é inconclusiva e interminável, justamente porque reflete a vida psíquica de um ser histórico, ou seja, em fluxo e com abertura ao indeterminado. A liberdade é um fenômeno orientado para o futuro e, portanto, não é um “fato” objetivo, jaz em algum lugar entre o descritível e o que é imputável (Blankenburg, 1987).

A compreensão fenomenológica é sempre bilateral (relação recíproca entre o sujeito que investiga e o investigado), dependente das partes e de certo grau de autocompreensão (pré-compreensão, prejuízos), assimétrica (não possibilita predições e inferências lineares como as explicações causais), autogeradora e envolve a constante reformulação de suas metas. Assim, ela se constrói de forma dialógica e assentada na relação recíproca que se estabelece entre o “conhecedor” e o objeto de questionamento. Não se estabelecem leis e busca-se conhecer o objeto em todas suas particularidades. Surge, dessa forma, uma questão sobre a possibilidade de “objetividade” nas ciências humanas e, consequentemente, sobre a possibilidade de falar sobre verdade, predições e certezas.

Merleau-Ponty (2011) afirma a esse respeito: “A generalidade e a probabilidade não são ficções, mas fenômenos, e portanto devemos encontrar um fundamento fenomenológico para o pensamento estatístico. Ele pertence necessariamente a um ser que está fixado, situado e investido no mundo” (p. 592).

Para Heidegger, a “investigação ontológica” (sobre as condições *a priori*) da existência humana seria “primordial” em relação às questões ônticas das ciências positivas. O mundo pré-dado é o fundamento de validade constante, é a fonte de autoevidência e verificação, a partir da qual nosso raciocínio lógico e teórico traça sua validade (Nuyen, 1990).

Ou, nas palavras de Merleau-Ponty (2007):

Antes de nossa existência indivisível, o mundo é verdadeiro; ele existe. A unidade, a articulação de ambos (verdade e mundo) são entremeados. E isto corresponde a dizer que nos temos uma noção global do mundo cujo inventário nunca é completo, e que nós experimentamos no mundo uma verdade a qual se mostra através e nos envolve, ao invés de ser tomada e circunscrita pela nossa mente (p. 290).

Assim, em contraste com o conceito de tipo-ideal (Weber, 2001; Jaspers, 1997), a fenomenologia se propõe à compreensão calcada na noção de essência. A intuição de essências corresponde à apreensão da estrutura anterior a quaisquer fenômenos, a um núcleo invariante, que persiste, mesmo diante de todas as variações arbitrárias. Segundo Husserl: “essência revela-se ser o que sem a qual o objeto de um tipo particular não pode ser pensado; sem a qual o objeto não pode ser intuitivamente imaginado como tal” (Dahlberg, 2006). Esta essência geral é apreendida em sua pureza e livre de quaisquer interpretações metafísicas, tomadas, portanto, exatamente como são dadas a nós, imediatamente e intuitivamente, na visão da ideia que emerge dessa forma.

5. A interpretação é ilimitada

Para Jaspers (1997), todo fenômeno é aberto à contínua reinterpretação e, desta maneira, a compreensão se insere na esfera da possibilidade. Assim coloca Ehrlich (2007):

Porque várias interpretações são possíveis, Verstehen não é questão de determinar graus de probabilidade. Porque interpretações conflitantes são igualmente possíveis ou, a propósito, igualmente plausíveis, a determinação da certeza, com respeito a contextos pertinentes factuais, médicos e comportamentais do caso em mãos, é questão de demonstrar a força da plausibilidade de um e refutar a do outro (p. 76).

Subentende-se, assim, uma validação ou a existência de certa normatividade definida pelo conhecimento vigente e influenciado pela cultura e pelas circunstâncias particulares do caso em questão.

Para a psicopatologia fenomenológica, a compreensão também está inserida no campo das possibilidades, em acordo com a posição de Jaspers. Entretanto, isso não ocorre em decorrência de possibilidades ilimitadas de interpretação, como posto na PG, mas em função das diversas configurações da estrutura da consciência. Interpretação, na PF, não se relaciona com a apreensão de um fato, mas com a apreensão de uma possibilidade do ser (Stanghellini, 2010). A "estrutura eidética que fornece o caminho fenomenológico não é a causa dos fatos psicológicos. Ela mostra, simplesmente, o que os torna possíveis e, neste sentido, é uma experiência "*apriórica*", não do que é o objeto da experiência, mas de "como" ele é, de seu modo de ser" (Tatossian, 2006, p. 36).

Contrastando com o campo dos conteúdos e da plausibilidade de suas interpretações na PG, na PF, campo das condições apriorísticas da consciência, fala-se em possibilidade, coerência ou manutenção de um certo estilo constitutivo. Explicação e interpretação são passos posteriores, não são imanentes ao material clínico (Stanghellini, 2010). Explicar e interpretar estão, assim, a jusante do explicitar, do tornar explícitas as dimensões pré-reflexivas, constitutivas da experiência consciente (Charbonneau, 2010). O significado deve ser buscado na estrutura pré-reflexiva e emerge das ligações internas entre os seus elementos, os quais não são justapostos, mas interrelacionados (Stanghellini & Aragona, 2016), e como se deve pressupor, também, a possibilidade de abertura dessa estrutura da consciência, a compreensão é aberta e infinita, por levar em conta a perspectiva de horizonte (Husserl, 2014; Gadamer, 2012). Toda compreensão se dá a partir de certos horizontes que constantemente se modificam (Moran, 2011; Vessey, 2009).

Nas palavras de Gadamer (2012):

Todo presente finito tem seus limites. Nós determinamos o conceito de situação justamente pelo fato de que representa uma posição que limita as possibilidades de ver. Ao conceito da situação pertence essencialmente, então, o conceito do horizonte. Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto (p. 372).

O conceito de horizonte deve aqui ser retido porque ele exprime a elevada amplitude de visão que deve ter quem compreende. Adquirir um horizonte

significa aprender sempre a ver além do que está próximo, demasiado próximo, não para afastar o olhar, mas para melhor ver, num conjunto mais vasto e em proporções mais justas (p. 375).

Os horizontes podem se sobrepor e, de fato, são essencialmente sobreponíveis e interpenetráveis. Há, sempre em andamento, um processo interminável de interpenetração de horizontes e a compreensão mútua se dá no consenso da fusão de horizontes e não através do abandono de um dos interlocutores (Moran, 2011). Aqui, novamente em destaque, está a importância do pesquisador no processo de compreensão fenomenológica. O investigador que, como ser histórico, muda constantemente, também contribui para o caráter aberto da interpretação. Deste modo, a verdade da compreensão passa a ser vista como construção intersubjetiva consensual, que não é puramente lógico-conceitual e não se fundamenta em dicotomias. É movimento dinâmico, uma ideia limite que nunca pode ser alcançada de forma integral, uma atitude e uma abertura (Ferrarotti, 2009), que encontra seu alicerce no senso de verdade vivido (Merleau-Ponty, 1968).

6. *Compreender é desmascaramento e iluminação*

A psicologia compreensiva jaspersiana assenta-se sobre a ideia de desmascaramento e iluminação, opondo, de certa forma, ambos. Para Jaspers, o compreensível pode se revelar através do fenômeno, ou, ainda, se esconder nele e o seu desmascaramento corresponderia a um "*ver através de*", a um uso de contrastes para inverter o que o paciente diz, faz ou quer, até se chegar a um "*isso não é nada, exceto*" (Jaspers, 1997, p. 359). Segundo Blankenburg (1979), esse desmascaramento é uma objetividade que parece certa desde o princípio, em razão das ferramentas metodológicas em uso, ou seja, elas são a garantia de uma evidência confiável.

Em contraste, no campo da psicopatologia fenomenológica, a ideia de iluminação do fenômeno centra-se no problema do homem e os métodos devem ser adaptados à sua natureza. A principal questão em jogo, aqui, não é ser objetivo a todo preço, mas apresentar o tema o mais completamente possível, em todas as suas ramificações (Blankenburg, 1979).

As contraposições entre sintomas e fenômenos (Tellenbach, 1956) e entre modelo clínico inferencial e perceptivo (Tatossian, 2012), que distinguem novamente a PJ da PF, são, segundo Tellenbach (1956, citado por Tatossian, 2006, p. 42):

O fenômeno é o que, estando o mais frequentemente escondido, pode vir à luz por certas modalidades de aproximação ou isto que – mais raramente - já está à luz. Nos sintomas que se mostram temos somente, para falar com propriedade, a experiência de que alguma coisa está presente, que justamente não se mostra, mas que somente se anuncia ou se revela - a saber, a doença ou a alteração. É porque a doença se anuncia nos sintomas, sem se mostrar, que os sintomas obrigam inferências diagnósticas. Para qualquer coisa que se mostra, não há necessidade de inferências (p. 42).

O que é dado de forma indireta (mediata) - o sintoma - necessita de inferências e interpretações. Por outro lado, aquilo que se dá de forma direta (imediata) – o fenômeno - apenas se constata e se descreve. Assim, a experiência do fenômeno não comporta mais nenhum traço da dualidade de planos ou níveis, própria da experiência do sintoma (Tatossian, 2006). A fenomenologia não se restringe ao que está aí defronte, mas ambiciona, por meio da *époché*, chegar até a intimidade da sua estrutura, até a sua essência (Rovaletti, 2000).

A compreensão na psicopatologia de Karl Jaspers (PJ) e na psicopatologia fenomenológica, como amostra de suas distinções

Segundo Jaspers (1997), as tarefas da compreensão, em psicopatologia, seriam: 1) Estender a compreensão às conexões incomuns e remotas, que, à primeira vista, talvez pareçam incompreensíveis; 2) Reconhecer as conexões universais nos estados psíquicos condicionados por mecanismos anormais.

Acrescenta-se a essas duas tarefas, a importância clínica da compreensão psicológica, nos seus limites que tocam o incompreensível, e da dicotomia compreensão/explicação. Jaspers valoriza bastante a confrontação entre compreensão e a explicação no processo de investigação psicopatológica, em especial no que se refere a diferenciar categorias biográficas, confrontação exemplificada na célebre oposição entre desenvolvimento da personalidade e processo. Essa distinção, introduzida nos “Escritos Psicopatológicos” de 1910 (Jaspers, 1977) e melhor desenvolvida na PG, foi por ele considerada o problema básico da psicopatologia.

Para Jaspers (1997), a doença psíquica está enraizada na vida do indivíduo como totalidade e, assim, não pode ser isolada do todo temporal (bios). Levando em conta a dualidade da vida individual como evento biológico e história, Jaspers propôs categorias

biográficas, dentre as quais, têm destaque, em polos opostos, processo e desenvolvimento. A diferenciação dessas categorias, ainda que difícil, em casos atípicos ou complexos, é, para ele, de grande aplicabilidade clínica. Processo, categoria típica de curso biológico, se caracteriza pelo aparecimento de um novo fenômeno na linha biográfica, na ausência de quaisquer causas ou experiências que o justifiquem. Assenta-se na impossibilidade de compreensão de conteúdos, pela via empática e também na incompreensibilidade formal. Ainda que o conteúdo seja plausível em determinados casos, o surgimento de certos fenômenos paradigmáticos, como ideias delirantes primárias, sempre apontam para os domínios do incompreensível, na psicopatologia jasperiana (Tamelini, 2012). Já desenvolvimento da personalidade, categoria histórico-vital, corresponde àquilo tudo que desenvolveu como o todo das relações compreensíveis. Assim, em contraste com processo, fundamenta-se integralmente no campo da compreensibilidade, ainda que pressuponha a fundação do processo no curso biológico (idades e épocas contingentes a quaisquer fenômenos, por exemplo).

A atitude compreensiva contrasta-se nas PJ e na PF, como mencionado anteriormente. Na obra de Jaspers (1968; 1997), baseia-se na empatia, como representação intuitiva: “recriar ou re-experenciar a vida psíquica de outra pessoa através do processo de transferir-se para dentro; experimentar com, de compreender, usando a analogia de minha própria vida psíquica” (Walker, 1995, p. 74). Já na PF, conforme destaca Charbonneau (2010), o que designa a noção de relação compreensiva é um enfoque não analítico, centrado na ideia de qualidade fundamental e de que o observador sempre faz parte do que se experimenta. São utilizadas a intuição axiológica (valor afetivo, sentido antropológico), a apreensão de qualidades de totalidades (experimentar a estabilidade, a coerência, a solidez e a coesão da estrutura pré-reflexiva da consciência), a intuição de movimentos gerais (direcionalidade qualitativa, direção de sentido, estilo) e a intuição de acordo ou ligação (da ordem do contato, estado complexo de ressonância com outro), para precisar a vivência qualitativa (Charbonneau, 2010, p. 31-35).

A incompreensibilidade jasperiana, fundamentada em uma espécie de teorema, que afirma que onde termina a compreensão começa a explicação, bem reflete as diferenças entre as duas psicopatologias aqui debatidas. Blankenburg (1984) alerta para o fato de a incapacidade subjetiva - o não ser capaz de compreender - ter sido transformada num critério diagnóstico, pretendendo ser “objetivo” (Kraus, 2004).

Assim, a compreensão jasperiana subentende uma espécie de compreensão "média" e pressupõe a existência de uma comunidade de pessoas saudáveis, que sentem, de forma similar, um conjunto de circunstâncias dadas e, por isso, podem sentir empatia por aquilo que o outro vivencia (Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013). Deste modo, tal construto apoia-se em uma suposta "normatividade". Por outro lado, a ideia de não compreensibilidade também é criticada. A dicotomia compreensão-explicação, em alguns momentos da PG assumida como de uma exclusividade mútua, é, de certo modo, inconsistente, mesmo diante das prerrogativas de Jaspers a favor do pluralismo metodológico (Blankenburg, 1984, citado por Summa, 2012, p. 197). Ao assumir a dicotomia compreensão-explicação como norte metodológico, Jaspers simplesmente abdica de investigar as condições de possibilidade para a compreensão em geral. Para Blankenburg (1984), a incompreensibilidade remete à "incapacidade de se fazer intersubjetivamente compreensível" (Dörr-Zegers & Pelegrina-Cetrán, 2013, p. 64) e deve ser acolhida dentro de uma compreensão fundamental mais abrangente (Summa, 2012), ou seja, o incompreensível deve ser visto como uma forma diferente de estar-no-mundo, como uma possibilidade humana. Assim, a compreensibilidade (ou a sua ausência) não deve ser concebida como característica intrínseca ao fenômeno psicopatológico, mas como propriedade relacional emergente no encontro clínico (Stanghellini & Aragona, 2016).

A psicopatologia fenomenológica, por sua vez, compromete-se com a compreensão dos problemas patológicos, não a partir de uma gênese psicológica, mas a partir de uma gênese fenomenológica da relação eu-mundo, que pode ser organizada de um lado fenomenológico (posição de realidade) e de um lado existencial (Charbonneau, 2010). Como exemplo desse deslocamento que ocorre dentro da tradição fenomenológica, o conceito de processo pode ser ampliado e ressignificado dentro da perspectiva de um esfacelamento estrutural (Tamellini, 2013), de um rompimento brutal do curso de uma existência, ao ponto de interditar toda configuração narrativa (Cabestan, 2013), de uma ruptura do equilíbrio dialético (Blankenburg, 2013), de uma autonomização e mundanização do *Dasein* (Binswanger, 2009; 2012), ou, ainda, de uma alteração nas ancoragens antropológicas da experiência (Charbonneau, 2010).

Por fim, vale ressaltar que as distinções epistemológicas entre as psicopatologias jasperiana e fenomenológica encontram-se longe de estarem esgotadas com as proposições aqui analisadas. A retomada do conceito de compreensão em Jaspers é um

bom fio condutor, dentre outros, para a análise dessas diferenças. O propósito de estudos como este não é o de descaracterizar ou reduzir o valor da obra jasperiana, mas, sobretudo, de contribuir na promoção de férteis discussões metodológicas no campo da psicopatologia.

Referências

- Binswanger, L. (1977). *Três formas da existência malograda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Binswanger, L. (2006). Sobre la fenomenologia. In L. Binswanger. *Obras Escogidas* (p. 43-82). Espanha: RBA Coleccionables. (Trabalho original publicado em 1922).
- Binswanger, L. (2009). *O caso Jürg Zünd*. São Paulo: Escuta.
- Binswanger, L. (2012). O caso Suzanne Urban. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1), 198-344.
- Blankenburg, W. (1979). Toward a Man-Centered Psychiatry. In K. E. Schaefer, U. Stave & W. Blankenburg. *Individuation Process and biographical aspects of disease* (p. 193-200). Nova Iorque (EUA): Futura Publishing Company.
- Blankenburg, W. (1980). Phenomenology and Psychopathology. *Journal of Phenomenological Psychology*, 11(2):50-78.
- Blankenburg, W. (1982). A dialectical conception of anthropological proportions. In De Koonig, A., Jenner, F., editors. *Phenomenology and Psychiatry* (pp. 35-50). Londres (Reino Unido): Academic Press.
- Blankenburg, W. (1984). Unausgeschöpftes in der Psychopathologie von Karl Jaspers. *Nervenarzt*, 55(9), 447-460.
- Blankenburg, W. (1987). The Dialectics of “Freedom” and “Unfreedom” in the Psychiatric View. In A. T. Tymieniecka. *Morality within the Life - and Social World* (pp. 409-423). Volume 22 of the series *Analecta Husserliana*.
- Blankenburg, W. (2013). La pérdida de la evidencia natural. Una contribución a la psicopatología de la esquizofrenia. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bourgeois, W. (1976). Verstehen in the social sciences. *Journal for General Philosophy of Science*. 7(1), 26-38.
- Cabestan, P. (2013). De la Compréhension et de ses Limites selon Karl Jaspers. In P. Cabestan et J. C. Gens. *La Psychopathologie Générale de Karl Jaspers 1913-2013* (p. 109-126). Paris (França): Le Cercle Herméneutique Éditeur.
- Charbonneau, G. (2010). *Introduction à la Psychopathologie Phénoménologique*. Tome I. Paris (França): MJW Dédition.
- Dahlberg, K. (2006). The essence of essences - the search for meaning structures in phenomenological analysis of lifeworld phenomena. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 1(1), 11-19.

- Dörr-Zegers, O., & Pelegrina-Cetrán, H. (2013). Karl Jaspers' General Psychopathology in the framework of clinical practice. In G. Stanghellini, & T. Fuchs. *One Century ok Karl Jaspers' General Psychopathology* (p. 57-75). Oxford (Reino Unido): Oxford University Press.
- Ehrlich, L. H. (2007). Jaspers on the Intersection of Philosophy and Psychiatry. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 14(1), 75-78.
- Ferrarotti, F. (2009). El conocimiento socioantropológico como conocimiento participado y verdad intersubjetiva. *Historia, Antropología y Fuentes Orales. Romper Silencios*, 41, 107-121.
- Fuchs, T. (2002). The Challenge of Neuroscience: Psychiatry and Phenomenology today. *Psychopathology*, 35(6), 319-326.
- Fuchs, T. (2012). The phenomenology and development of social perspectives. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 12(4), 655-683.
- Gadamer, H. (2012). *Verdad Y Metodo I*. Espanha: Sigueme.
- Grondin, J. (2016). What is the hermeneutical circle? In N. Keane & C. Lawn (eds.) *The Blackwell Companion to Hermeneutics* (p. 1-14). Oxford: Blackwell Publishers.
- Grondin, J. (2002). Gadamer's Basic Understanding of Understanding. *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge University Press. p. 36-51.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Petrópolis (RJ): Vozes. (Trabalho original publicado em 1927).
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Husserl, E. (2014). *Investigações Lógicas - Prolegômenos à Lógica Pura* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Jaspers, K. (1968). The Phenomenological Approach in Psychopathology. *British Journal of Psychiatry*, 114(516), 1313-1323. (Trabalho original publicado em 1912).
- Jaspers, K. (1977). *Escritos Psicopatológicos*. Madrid: Gredos. (Trabalho original publicado em 1910).
- Jaspers, K. (1997). *General Psychopathology*. Baltimore (EUA): Johns Hopkins University Press. (Trabalho original publicado em 1913. Última edição em 1959).
- Kraus, A. (2004). The significance of empathy for the diagnosis of schizophrenia and melancholia. *Rivista Comprendere*, 14, 79-85.
- Langenbach, M. (1995). Phenomenology, intentionality, and mental experiences:

- Edmund Husserl's *Logische Untersuchungen* and the first edition of Karl Jaspers's *Allgemeine Psychopathologie*. *History of Psychiatry*, 6(22 Pt 2), 209-24.
- Lantéri-Laura, G. (2000). *Ensayo sobre los paradigmas de la psiquiatría moderna*. Madrid (Espanha): Editorial Triacastela. (Trabalho original publicado em 1998).
- Merleau-Ponty, M. (1968). An unpublished text by Maurice Merleau-Ponty: a prospectus of his work. In: Toadvine, T., & Lawlor. (eds). *The Merleau-Ponty reader* (pp. 183-290). Evanston, IL (Estados Unidos): Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M. (2007). *The Visible and the Invisible: followed by working notes*. Evanston, IL (Estados Unidos): Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Messas, G. P. (2004). *Psicopatologia e Transformação: Um esboço fenômeno-estrutural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Messas, G. P. (2006). *Álcool e Drogas: Uma Visão Fenômeno-estrutural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Messas, G. P. (2010a). *Ensaio Sobre a Estrutura Vivida*. São Paulo: Roca.
- Messas, G. P. (2010b). A Phenomenological Contribution to the Approach of Biological Psychiatry. *Journal of Phenomenological Psychology*, 41(2), 180-200.
- Messas, G. P. (2014). O sentido da fenomenologia na Psicopatologia Geral de Karl Jaspers. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3(1), 23-47.
- Minkowski, E. (1973). *El tiempo vivido: estudios fenomenológicos y psicológicos*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Moran, D. (2011). Gadamer and Husserl on Horizon, Intersubjectivity and the Life-world. In: Wiercinski, A. *Gadamer's Hermeneutics and the Art of Conversation*. Berlim (Alemanha): Lit Verlag.
- Nuyen A. T. (1990). Truth, Method, and Objectivity Husserl and Gadamer on Scientific Method. *Philosophy of the Social Sciences*, 20(4), 437-452.
- Rovaletti, M. L. (2000). The phenomenological perspective in the clinic: from symptom to phenomena. *Rivista Comprendre*, 10.
- Schwartz M. A., Wiggins O. P. (1987). Diagnosis and ideal types: a contribution to psychiatric classification. *Comprehensive Psychiatry*, 28(4), 277-91.
- Stanghellini, G. (2010). A hermeneutic framework for psychopathology. *Psychopathology*, 43(5), 319-26.

- Stanghellini, G., & Aragona, M. (2016). *An Experiential Approach to Psychopathology*. Suíça: Springer International Publishing.
- Summa, M. (2012). Is This Self-Evident? Husserl's Phenomenological Method and the Psychopathology of Common Sense. *Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia*, 3(2), 191-207.
- Tamelini, M. G. (2012). Cinética estrutural na Esquizofrenia. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1), 3-25.
- Tamelini, M. G. (2013). O Processo Psíquico sob a ótica Fenomenológica. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2(1), 91-102.
- Tatossian, A. (2006). *A Fenomenologia das Psicoses*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1979).
- Tatossian, A. (2012). *Clínica do Lebenswelt: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*. São Paulo: Escuta.
- Tellenbach, H. (1956). Die Räumlichkeit der Melancholischen II. Mitt. Analyse der Räumlichkeit melancholischen Daseins. *Nervenarzt* 27, 289.
- Tellenbach, H. (1976). *La melancolia*. Madrid (Espanha): Ediciones Morata. (Trabalho original publicado em 1974).
- Vessey, D. (2009). Gadamer and the Fusion of Horizons. *International Journal of Philosophical Studies*, 17(4), 531-542.
- Walker, C. (1995). Karl Jaspers and Edmund Husserl IV: Phenomenology as Empathic Understanding. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 2(3), 247-266.
- Weber, M. (2001). A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política (4a. ed.). In *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1 (p. 107-154). Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Wiggins, O. P., Schwartz, M. A., Spitzer, M. (1992). Phenomenological/descriptive psychiatry: The Methods of Edmund Husserl and Karl Jaspers. In M. Spitzer, F. Uehlein, M. A. Schwartz, & C. Mundt (Eds.). *Phenomenology, language and schizophrenia* (p. 46-69). New York: Springer.